

PELA PERSEVERANÇA NA FÉ SOMOS
CAPAZES DE ALCANÇAR A LIBERDADE QUE NOS CURA
PARA UMA VIDA NOVA
HERMENÊUTICA DE Mc 7,24-30

Glacilda Soares da Silva Carvalho

Resumo

Uma cuidadosa análise da narrativa de Marcos sobre a cura da filha da mulher siro-fenícia por Jesus suscita uma profunda reflexão sobre o nosso cotidiano. A figura desta mulher que vem ao encontro de Jesus, pedindo socorro para sua filha que tinha um espírito impuro, evoca a lembrança de mães nordestinas que deixam seus lares nos distantes rincões do agreste e do sertão nordestinos à procura de cura para seus filhos nas grandes cidades. Jesus, com sua prática, nos ensina o caminho para salvar os “endemoninhados” hodiernos pela via da luta por uma vida mais digna, amparada por novas estruturas sociais que atendam aos direitos dos cidadãos, particularmente quanto à saúde pública.

Abstract

A detailed analysis in Mark narrative about the cure of the Syrian Phoenician woman's daughter by Jesus raises a deep reflection about our daily life. The picture of this woman who came towards Jesus, asking for her daughter who was possessed, reminds the Northeast's mothers leaving their home in distant regions on the Northeast of Brazil to get their children treated and cured in urban centers. The practice of Jesus teaches us the way to save the current “possessed”, through a worthy and better life, with new social structures to support the poor people, especially as regards to the public health.

Introdução

Marcos em 7,24-30 nos transporta para uma reflexão do nosso cotidiano, principalmente no que diz respeito à saúde pública. Realidade difícil para aqueles que não gozam de uma previdência particular. Que perambulam de hospital em hospital, em busca de atendimento médico.

A atitude da mulher siro-fenícia assemelha-se às milhares de mães nordestinas que são obrigadas a deixar seus lares nos distantes rincões do agreste e do sertão nordestinos à procura de cura para seus filhos nas grandes cidades, percorrendo verdadeiras vias-crúcis para obterem socorro médico. E nem sempre têm êxito, morrendo mui-

tas vezes, seus filhos, antes de qualquer atendimento, diferentemente da mulher síria que ao voltar para casa teve a alegria de ver sua filha curada.

O povo necessitado está em busca de quem lhe dê ouvidos. E quem deve entrar por primeiro nesta luta são os seguidores de Jesus, por mais justiça social, pois, só quem pratica a justiça é capaz de transpor as barreiras que tanto separam a humanidade, em raças, classes sociais, religiões, etc., para transformar essa dura realidade da vida, não só dos nordestinos, mas de todos os carentes desse nosso Brasil, para que tenham direito ao mais primário e o maior de todos os dons: a vida e vida plena.

Certamente, a realidade hodierna nos individualiza e nos afasta da vida lá fora, isolando-nos num mundo egoísta, divorciando-nos totalmente da atitude de Jesus, que mesmo sendo tentado a separar-se dos que o seguiam aceita dialogar com aquela mulher estrangeira. E esse diálogo é a base de duas modificações: da parte de Jesus, que revê sua maneira de pensar com relação à implantação do Reino de Deus; e da vida daquela mulher, restaurada em sua dignidade.

Vivenciar a mensagem de Jesus no dia a dia do povo é o grande desafio que transpassa a história do gênero humano. Destarte, para todos que se dizem discípulos do Cristo Jesus, o “grito dos oprimidos”, sem teto, sem assistência médica, vilipendiados pela sociedade, violentados por um sistema injusto, carentes de bens materiais e espirituais, estão a clamar por justiça e a nos cobrar uma atitude de verdadeiros cristãos. Precisamos quebrar nossos tabus, nossos preconceitos e termos a coragem de ouvir o grito do sofredor e se fazer eco diante do mundo, para que o Reino de Deus aconteça no nosso cotidiano.

1. Delimitação do texto dentro da primeira parte do Evangelho de Marcos

O texto em análise (Mc 7,24-30) está situado na primeira parte do segundo Evangelho sinótico (1,2–9,10). No final deste grande bloco está a centralidade deste evangelho: a personalidade de Jesus está sendo questionada; e Pedro dá o seu verdadeiro sentido, expressando, cheio de fé: “Tu és o Cristo” (8,29). O conceito foi complementado por Mateus, “o Filho de Deus Vivo” (16,16). Marcos 15,39 amplia o conceito de Pedro ao apresentar um soldado romano “bem defronte” de Jesus, declarando como verdade infinita: “Verdadeiramente este homem era filho de Deus”. Jesus acabava de exalar seu último suspiro no alto da cruz. O ápice destas proclamações é o testemunho do túmulo vazio, com a ressurreição, dado inicialmente pelas mulheres (cf. Mc 16). Além disso, Marcos inicia seu Evangelho afirmando ser este seu objetivo principal: anunciar que Jesus é “Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1).

Dentro deste grande bloco (Mc 1,2–9,10), temos dois blocos menores (7,1-13; 8,11-21), tratando da hostilidade dos fariseus. O texto em questão, a cura da filha de uma siro-fenícia (Mc 7,24-30), juntamente com a cura do surdo gago (7,31-37), se insere entre aqueles dois blocos. São perícopes que nos dão notícia de que a Boa-Nova é levada para terras estrangeiras, fora da Galileia, anunciando que também os pagãos são destinatários da salvação. Como cura à distância, o nosso texto se assemelha às

passagens que tratam da cura do servo do centurião romano (Mt 8,5-10.13; Lc 7,1-10; Jo 4,46-54).

O texto em questão é delimitado por uma inclusão sucessiva na primeira parte do Evangelho de Marcos:

1,2–9,10 – Quem é Jesus de Nazaré

7,1-13; 8,11-21 – Hostilidade dos fariseus

7,14–8,10 – Os pagãos são chamados à salvação

7,24-30 – A cura da filha de uma siro-fenícia

2. Análise do texto

Jesus viaja para terras estrangeiras, região de Tiro (e de Sidônia, cidades pagãs, cf. Mt 15,21), ao norte e leste da Galileia e ao norte da Samaria. E foi se hospedar ou se “retirar” numa casa, certamente, a residência de uma família judia convertida, pois não era permitido a um judeu hospedar-se em casa de quem fosse de outra cultura ou professasse religião diferente. Vinha da missão da Galileia e parece que estava bastante cansado, pois não queria que ninguém soubesse de sua permanência ali: Mateus diz que ele “retirou-se” (cf. Mt 15,21). Seu desejo de ter um momento de descanso numa casa com os discípulos foi frustrado. Ficar oculto, sem que ninguém soubesse, foi mesmo impossível, porque de repente a notícia se espalhou por toda redondeza.

Jesus não pode ficar despercebido em Tiro. Seu silêncio fora interrompido. A notícia chegou aos ouvidos de uma mulher que veio ter com ele e, muito emocionada, atirou-se a seus pés; da mesma forma que Jairo, chefe da sinagoga, “caiu a seus pés” (Mc 5,22). Ambos pedem para a filha. A mulher é representante do mundo dos gentios; Jairo, dos israelitas. Marcos já dá seu toque de universalidade da missão de Jesus. Mateus escreve que a mulher gentia vinha gritando atrás de Jesus (15,22). Suas expressões corporais indicam emoção, reverência, dependência religiosa e desejo profundo de ser acolhida e ter a satisfação de ser atendida. A mulher se expressa com todo corpo: *ouviu* (ouvidos atentos); *veio* (os pés a põem em movimento); *atirou-se* (jogou-se totalmente e de repente). Tudo indica emoção e comunicação. Tãmanha era sua aflição, sua filhinha estava muito mal: tinha um espírito impuro. Esta realidade vivida pela filha era a sua agonia e sofrimento. Além de doente estava excluída. Eis a razão de seus rogos em gritos.

A mulher era natural de Siro-Fenícia, região norte da Palestina, limite com Samaria e Galileia. Também era “grega” e vivia conforme a cultura helenística; não praticava o judaísmo: portanto era pagã. Essa mulher pobre, não se pode dizer que era uma mendiga, ou uma viúva, mas, certamente alguém muito necessitada, que encontrou nos gestos de Jesus uma nova esperança. Evidentemente, naquela época não havia hospitais, nem instituições de assistência social. Os curandeiros famosos estavam longe do alcance dos pobres. Assim, os cegos, os coxos, os surdos-mudos, os possuídos por maus espíritos, encontravam-se relegados ao abandono e à mendicância.

O maior sofrimento do pobre, nem sempre era a fome, mas, como nos dias atuais, a vergonha e o desprezo. Está sempre na dependência da “caridade” dos outros. A mulher siro-fenícia, certamente, ouvindo falar de Jesus acreditou que ele curaria sua filha, pois este era seu maior desejo, ver sua filha com saúde. Essa fé que moveu aquela mulher não era uma simples certeza, mas uma convicção fortíssima, que Jesus tinha poder de expulsar aquele espírito impuro de sua filha e o faria como o fez com tantas outras pessoas. Por isso, vem gritando “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: a minha filha está horripelantemente endemoninhada” (Mt 15,22), “atira-se aos seus pés” (Mc 7,25), fazendo humildes rogos a Jesus para expulsar o demônio de sua filha.

Segundo Albert Nolan, na sua obra, “Jesus antes do Cristianismo”: “Para o judeu e para o oriental, o corpo é a morada do espírito... Durante a vida outros espíritos podiam também habitar o corpo de uma pessoa, seja espírito bom (o Espírito de Deus) ou espírito mau, impuro, um demônio”¹. No caso da filha daquela mulher, era um espírito impuro (Mc 7,25), portanto um espírito mau. Todas as desgraças, doenças e outras desordens eram consideradas más, provenientes do pecado do próprio indivíduo ou de alguém da família. Eram castigos enviados por Deus. Em Jo 9,2, no caso do cego de nascença, a grande dúvida dos discípulos é: “Quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?”

Na Bíblia são muitos os casos apontados como possessão demoníaca (Mc 1,23-26; 9,17,27; 5,3-5) e o possuído por um espírito impuro era tido como pecador. Possivelmente, hoje fossem considerados pela ciência como epiléticos, ou portadores de doenças psicossomáticas, como o endemoninhado dos gerasenos, que ninguém podia segurar (Mc 5,1-20). Lucas também nos fala de uma mulher encurvada, possuída por um espírito que a tornava enferma (Lc 13,10-17), e muitos outros relatos bíblicos nos levam a crer que determinadas doenças eram consideradas possessões demoníacas. Jesus restabelece nessas pessoas marginalizadas, a autoconfiança, a esperança, afastando o fatalismo de uma vida condenada ao desprezo e humilhação. O despertar de uma esperança, nova e inusitada, levou aquela mulher a buscar a cura para sua filha. Ela recuperada do espírito impuro seria novamente incluída no seio da família.

A busca pela cura de filhos e filhas “endemoninhados” não é a desventura apenas de mães em épocas anteriores, durante e posteriores à passagem de Jesus no nosso meio. A atualidade retrata eventos penosos de mães e pais desesperados à procura de hospitais e instituições que possam salvar seus filhos de doenças incuráveis e vícios que não só destroem a própria vida de quem os tem, mas também de toda sua família. Aqueles cujo poder econômico lhes favorece, são internados em clínicas particulares, com alta tecnologia, mas, ao pobre só lhe resta buscar assistência médica em ambulatórios públicos e nos raros hospitais que tratam viciados. A droga tem feito estragos irreparáveis nas famílias e na sociedade. Jovens que são capazes de assassinar seus próprios pais, queimar pobres mendigos em praças públicas, e praticar muitas outras atrocidades sob o efeito devastador das drogas. E, ainda, há quem justifique, dizendo:

1. NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*, p. 44.

“está possuído pelo demônio” ou “não era mais ele, mas o maligno que agia nele”. O demônio passa a ser o “bode expiatório”, para justificar a falta de segurança pública e o combate aos grandes traficantes que dominam as periferias das cidades. Essas desculpas, dadas pela sociedade, são simplesmente para não encarar o grande “câncer da sociedade”, que é o consumo de drogas pelos jovens, em todas as regiões do país.

Diante de uma sociedade cujo componente humano, em sua maioria era de coxos, leprosos (qualquer doença de pele era considerada lepra), cegos e endemoninhados, Jesus não colocou paliativo, nem tentou convertê-los a qualquer credo; ao contrário, agiu, deu esperanças, mostrou que eles também eram criaturas de Deus, que podiam fazer parte da sociedade e deveriam buscar seus direitos, frente a um sistema injusto. Jesus fez com que aqueles excluídos entendessem seu valor, como seres humanos que eram. A restauração dessa humanidade era por inteiro: física, mental e, na maioria das vezes, espiritual. Ele levava aqueles doentes a crer nas suas potencialidades. Não raro ele dizia: “tua fé te salvou”, ou “tua fé te curou”. Nolan, na obra já citada, relata: “Jesus era o iniciador da fé. Mas uma vez iniciada, podia ser transmitida de uma pessoa para outra. A fé de um homem podia despertar a do outro. Os discípulos foram enviados para suscitá-la nos outros. Onde quer que a atmosfera geral de fatalismo tivesse sido substituída por uma atmosfera de fé, o impossível começava a acontecer”².

Assim, Jesus nos ensina o caminho para salvar os “endemoninhados” hodiernos, pela via da luta por uma vida mais digna, para os jovens de todas as classes sociais, com compaixão, exigindo das autoridades mais hospitais, mais ambulatórios e uma ampla e incentivadora educação, que leve os jovens a uma maior conscientização do seu papel social.

A mulher siro-fenícia acreditou em Jesus, suas esperanças renascem ao encontrá-lo. Creu, fortemente, que ele podia transformar sua vida e de sua filha, condenada a uma vida de exclusão. Jesus inicia um diálogo com a mulher. Aliás, o diálogo já estava iniciado pela mulher: ela ouviu, veio, prostrou-se e rogava. Inicialmente, parece que Jesus recusa atender seu apelo clamoroso. Marcos coloca em sua boca (como se fosse seu costume repetir) um dito ou provérbio preconceituoso: “Ele dizia: deixa que primeiro os filhos se saciem porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos”.

O diálogo de Jesus com a mulher em Marcos tem um tom suavizado que favorece os pagãos. “Deixa primeiro que os filhos se saciem”. A vez dos pagãos chegará, é apenas uma questão de precedência e não de exclusão. Mateus 15,24 é incisivo: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. O versículo anterior de Mateus (v. 23) é mais incisivo ainda: confirma que Jesus não deu mesmo atenção ao apelo da mulher; foi preciso até a intervenção dos discípulos (para se livrarem dela): “despede-a ou atende-a”³). No fraseado de Jesus a mulher e seu povo são identificados com cachorrinhos.

2. NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*, p. 55.

3. Cf. o rodapé a Mt 15,23 letra “b” da *Bíblia de Jerusalém*.

A resposta de Jesus ao pedido da mulher é dura! Aí, o próprio Jesus usa a palavra “pão” como sinônimo da “salvação”. Os judeus são os “filhos” que têm direito de saciarem-se primeiro com a salvação que o Reino traz. Não é justo dar o que é deles aos “cachorrinhos”, isto é, aos gentios. Jesus ainda espera que Israel aceite o convite de reunir-se ao redor dele; por meio desse povo escolhido, os gentios descobrirão seu lugar no Reino de Deus⁴.

A mulher não se surpreende com o dito preconceituoso (dos judeus) pronunciado por Jesus a seu respeito, mas dá um “jeitinho” para convencê-lo a curar sua filha. Replica-lhe gentilmente e até aceita o que ele diz. Mas, logo faz Jesus pensar na imagem de uma cena que pode estar presente no cotidiano familiar de qualquer cultura, e o faz com muita plasticidade: mostra-lhe cachorrinhos debaixo da mesa de seus donos, comendo os restos de comida que as crianças deixam cair, ou mesmo jogam propositalmente para eles.

Sebastião Armando G. Soares e João Luiz Correia Júnior relatam em sua obra “Evangelho de Marcos”:

Ela, no entanto, não se deixa vencer e insiste, usando até uma imagem da vida doméstica cotidiana, carregada de forte carga emotiva: enquanto as crianças comem à mesa, deixam cair ao chão migalhas de pão de que os cachorrinhos junto também se alimentam. Sua palavra tem uma tal força (cf. v. 29) que é capaz de antecipar o momento escatológico⁵.

Jesus percebe seu fechamento cultural, se abre para o diferente e realiza os rogos da mulher. Pelas palavras da mulher Ele entendeu o significado profundo de sua missão: Para que todos (tudo) tenham vida e em abundância (cf. Jo 10,10). Os autores acima mencionados escrevem, logo adiante: “É uma mulher que, com a força de sua palavra, faz Jesus alargar os horizontes de sua consciência missionária e, assim, antecipa os tempos da participação dos gentios no banquete escatológico”.

“Pelo que disseste, vai: o demônio saiu de tua filha” (Mc 7,29). Jesus afirma que o milagre da cura aconteceu, pela força da fé daquela mulher, pela insistência no pedir, por não ter deixado em nenhum momento que a dúvida dominasse seu coração. Seus argumentos são convincentes, ela não se deixa abater pelo dito ofensivo pronunciado por Jesus. Sua confiança foi plena, só o homem Jesus era capaz de trazer sua filha à vida. Ela estava rejeitada, precisava ser acolhida, aceita em sua própria família. Em muitas passagens do Evangelho vamos encontrar Jesus falando o quanto é importante insistir sempre no pedido, de não duvidar, nem fraquejar (Lc 11,5-8; Mt 14,30-31). Igualmente, é comum Jesus dizer: “tua fé te salvou” ou “teus pecados estão perdoados” (Lc 7,50). Jesus se admira com a fé do centurião (Lc 7,9). A fé é elemento fundamental para que o milagre aconteça. E essa fé é como um contágio, que impregna as entranhas de quem confia irrestritamente.

4. COLAVECCHIO, Ronaldo L. *O Caminho do Filho de Deus*, p. 95.

5. SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos: Refazer a casa*, p. 285.

A própria fé de Jesus, suas convicções inabaláveis despertam neles esta fé. A fé era uma atitude contagiante que o povo pegara de Jesus em seu contato com ele, quase como se fosse uma espécie de infecção. Não podia ser ensinada, só podia ser transmitida por contágio. E assim, eles começaram a procurá-lo para que lhe aumentasse a fé⁶.

O milagre não é presencial. O evangelista não conta onde a filha daquela mulher estava, mas quando Jesus diz “vai: o demônio saiu de tua filha”, ela emudeceu sua confiança, sua fé é expressa no silêncio de sua volta. Antes gritando, desesperada, agora, guarda a paz que só Jesus pode lhe dar. Ela entendeu a força da sua palavra irradiada pela fé, quando Jesus diz “pelo que disseste”, era ela que precisava estar junto a sua filha, dar-lhe confiança, amor, valorizá-la, como pessoa criada à imagem e semelhança de Deus.

O “milagre” não está fora do ordinário, mas no seu campo mais interior e secreto. O milagre não é o excepcional, mas toda realidade (desde a mais cotidiana e banal à mais rara e fantástica) tomada na sua última finalidade que a anima e sustém. O mundo e as coisas no mundo têm face dupla: uma imediata e aparente, a outra oculta e fundamental. Num primeiro nível de percepção o pão é meio de sustento, e o sol uma fonte de luz; mas em um nível mais profundo, eles são “sinais” da bondade divina, mediações de seu amor criador: além de sustentar e iluminar elas nos conduzem a um tu generoso e magnânimo⁷.

A fé é um reflexo de uma luz secreta que nasce pelo contágio, que supera o fatalismo da descrença, da indiferença e do desamor. Ela (fé) depois de plantada e regada, vive da finalidade de quem lhe deu o ser. Onde ela está presente cria-se o milagre.

3. Conclusão

A viagem de Jesus para os arredores de Tiro e de Sidônia apresenta-se, num primeiro olhar, apenas para um descanso do Mestre que, concluía sua missão na Galileia, quer ficar oculto. Pode, porém, ter sido empreendida com o propósito de ficar a sós com os seus discípulos, instruindo-os e ensinando-os sobre o início de uma nova etapa. Jesus, no início, se recusa a atender o pedido daquela mulher estrangeira, alegando que o seu ministério era entre os judeus e não entre os gentios. Este fato deixa bastante claro que, pelo menos, naquele momento não era sua intenção anunciar o Reino de Deus aos gentios.

Porém, o evangelista Marcos faz questão de demonstrar que Jesus exerce, agora, seu ministério em terras gentílicas: Tiro, Sidônia, Decápole. Fica bem clara a intenção do evangelista: os gentios são puros, como os judeus; sua região está efetivamente purificada do demônio (espíritos impuros). Agora as pessoas estão prontas a escutar e a anunciar a Palavra, seus ouvidos e sua boca se despregaram. No texto de Marcos, Jesus veio para todos, é a universalidade dos sinais messiânicos que se expande, para todos os povos.

6. NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*, p. 54.

7. DI SANTE, Carmine. *Liturgia Judaica*. Fontes, estrutura, orações e festas, p. 53.

Em Mt 15,29-31 fala-se também das atividades de Jesus fora da Galileia, em território gentílico. Marcos em sua redação dá a impressão de que já se trata de um núcleo primitivo de cristãos: “Saindo dali, foi para o território de Tiro. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse...” (Mc 7,24). Podemos ainda enumerar vários detalhes: menção das regiões pagãs, inclusive com dificuldade de itinerário – de Tiro ao mar, por Sidônia, que leva mais ao Norte (Mc 7,31); “levar a sós”; insistência no segredo; “proclamar”; “transbordar de admiração”.

Vários são os caminhos percorridos por Jesus, atravessando o território da Decápole, habitado em quase toda sua extensão por gentios. Marcos, em 7,31-37, continua o tema do universalismo, fazendo desse longo percurso de Jesus uma antecipação da Igreja em missão junto ao povo gentio. É interessante observar o acento na comunhão corporal entre Jesus e o surdo-mudo: os próprios dedos, a saliva, toque da língua. E a tensão emocional em que Jesus se achava (v. 34). É como se tratasse de algo particularmente penoso e difícil. É o que se depreende dos v. 33-34. A mesma dificuldade aparece ainda mais claramente na cura do cego de Betsaida, em 8,22-26; também em 8,12, frente aos fariseus que exigiam dele um sinal do céu, Jesus tem a mesma reação: “suspirando profundamente”. Nestes episódios, o evangelista estaria deixando transparecer a penosa e difícil crise que a Igreja nascente experimenta, ao discutir a entrada dos gentios nas comunidades cristãs?

O objetivo de Marcos parece ser o de exemplificar concretamente a profecia de Isaías (35,5-6), onde se fala da cura de cegos, mudos e surdos. Mateus, em 15,29-31, vai incluir os coxos.

Jesus despertou a fé e a esperança naqueles cuja vida está à margem da sociedade, quer por doenças: lepra, maus espíritos, coxo, cegos, etc., quer pela própria situação financeira, tinham sido reduzidos a pessoas com um destino inevitável. Eram pessoas condenadas a viver no isolamento e a mendigar seu sustento, dependentes de favores alheios; sem qualquer esperança, acomodavam-se às suas desgraças. Mas agora, transformadas, passam a acreditar nas suas possibilidades de reerguer a própria vida, uma vida com dignidade.

Bibliografia:

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 2002, 2206 p.

COLAVECCHIO, Ronaldo L. *O Caminho do Filho de Deus: Contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005, 236 p.

DI SANTE, Carmine. *Liturgia Judaica*. Fontes, estrutura, orações e festas. Trad. João Aníbal Garcia Soares Ferreira. São Paulo: Paulus, 2004, 261 p.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*. Trad. Grupo de tradução São domingos. Paulinas, 1988, 206 p.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos*. Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002, 300 p.

Glacilda Soares da Silva Carvalho
glacilda_carvalho@hotmail.com